

O REGRESSO DE SÓCRATES

por Mário Soares

Fui dos poucos socialistas que não concordou com a ideia do regresso de Sócrates, de quem aliás sou amigo, desde que o conheci melhor, quando já era primeiro-ministro. Mas sempre disse aquilo que pensava politicamente, de forma independente em relação às amizades. E como os portugueses sabem não tenho papas na língua...

Mas quando me engano reconheço o erro e dou, como se diz, o braço a torcer, sem dificuldade.

Vem isto a propósito do regresso de Sócrates. Convivi diariamente com ele nos dias finais do seu mandato. Ouvi o discurso anti-Sócrates que o Presidente Cavaco Silva fez na Assembleia da República. Fiquei indignado. Saí sem ir ao habitual beija-mão, e como não vi Sócrates, pedi ao Almeida Santos para lhe transmitir (a Sócrates) que devia demitir-se naquele mesmo dia.

Não o fez e foi pena. Ficou no seu posto - porque é um patriota - até ao dia em que lhe tiraram o tapete com o chumbo do PEC IV e o forçaram a pedir ajuda externa. Discuti com ele nesse dia nefasto mas não fui eu que o dissuadi de se demitir. Resistiu quanto pôde, não por interesse próprio, mas porque era contra a vinda da Troika, como a Chanceler Merkel lhe chegara a prometer. Porém, os mercados usurários foram insaciáveis. Ficou praticamente isolado como muitos portugueses se devem lembrar e demitiu-se, com grande dignidade. Os que viveram esse daí lembram-se bem que foi assim.

Foi então que resolveu ir para Paris matriculando-se em Sciences Po. E apesar das calúnias nunca terem parado. Sócrates remeteu-se a um silêncio exemplar. Nesse tempo fui vê-lo a Paris e nesse período falei sempre com ele quando veio cá, para o funeral do seu Pai e depois do Irmão, por ser um homem de família. Porque Sócrates é um homem profundamente dedicado aos seus tendo levado os dois Filhos, com ele, para Paris, onde ambos estudam. E durante dois anos esteve em silêncio, embora as calúnias dos seus inimigos nunca tivessem parado, antes pelo contrário.

Em início de Março deste ano resolveu quebrar o silêncio e, como se diz, varrer a sua testada. Fui talvez dos seus raros amigos que não concordou e lhe disse, alto e bom som, que não o devia fazer. Parecia-me um erro agravado por o momento ser inoportuno, com o actual Governo prestes a cair, como espero, depois do Tribunal Constitucional remeter o Orçamento à sua procedência. Acerca dessa posição tivemos uma discussão muito séria e cada um ficou na sua.

Claro que na 4ª. feira passada fiquei a ouvir, com a maior atenção a discussão com que os dois ditos jornalistas o interromperam momento a momento. Não se comportaram como jornalistas independentes mas como agentes serventuários do poder, à ordem de quem manda na televisão, o ministro Relvas que é, como se sabe, quem manda na RTP e foi seguramente o homem da ideia. Não podia ser de outro. Mas "lixou-se", como se usa dizer agora, porque lhe saiu o tiro pela culatra. Milhares e milhares de portugueses ouviram a televisão, um auditório que bateu todos os recordes (um milhão e setecentos e vinte e um mil) e de longe as outras televisões. Foi ouvido por muitos portugueses, seus adversários políticos, mas que, na sua esmagadora maioria, reconheceram objectivamente que ele ganhou, de longe, apesar das interrupções permanentes dos seus "carrascos", ditos jornalistas, sem qualquer objectividade.

Sócrates foi de uma calma excepcional perante todas as interrupções e autênticas provocações. Nunca perdeu a calma e sempre respondeu, de molde a convencer a esmagadora maioria que objectivamente o ouviram. Eu fui um deles. E por isso lhe telefonei imediatamente, depois da sessão terminar. Dei-lhe entusiasmado os parabéns - visto o achar "perfeito" - e dei, como devia, o meu braço a torcer. Enganei-me, como reconheci logo e espero que, nas sessões que vão seguir-se, se comporte da mesma maneira.

Foi realmente perfeito porque disse o que devia, sem farroncas, com uma calma olímpica e verdade. Vivi muito de perto o que se passou nesses dias, tão difíceis, e verifiquei que se comportou com grande patriotismo - coisa rara nos tempos que correm - em que os ministros apesar vaiados todos os dias pelo Povo, que os elegeu, não saem à rua nem falam ao Povo e não têm qualquer sentimento próprio, porque se o tivessem já se teriam demitido, há longos meses, como deviam. Estão agarrados ao tacho e parece que têm gosto em ter com eles arguidos, mais ou menos criminosos, gente sem carácter nem patriotismo. Só vêem o dinheiro - e ignoram os que sofrem, passam fome e cada vez mais, emigram, suicidam-se ou assaltam as lojas para dar de comer aos Filhos.

Sócrates, como disse, não quer ser Presidente da República, nem Primeiro-Ministro nem dirigente do PS, como alguns afirmaram que era a sua ambição. Quer ficar em Paris até acabar os estudos. Quer seguir os estudos dos seus Filhos e acompanhá-los. Quanto ao resto, como se sabe, não lhe faltam empregos em França, no Brasil, ou onde for. Quer tão só, como disse, varrer a sua testada e limpar o seu nome, tão caluniado injustamente.

Por isso fiquei tão contente quando o ouvi - repito, como a maioria dos que o ouviram - e dei como devia, o meu braço a torcer. Honra lhe seja!

Lisboa, 6 de Abril de 2013